

Editorial

VIANA 2012: NOVAS ELEIÇÕES E NOVAS ESPERANÇAS

A princípio, imaginamos fazer deste editorial uma paródia ao célebre Sermão de Santo Antônio aos Peixes, proferido pelo padre Antônio Vieira. Nossa motivação seria o silêncio com que as autoridades e a sociedade respondem às nossas denúncias e propostas reiteradamente feitas neste veículo de comunicação. Então, pensamos em falar aos peixes do lago. Talvez eles escutassem nossos clamores.

É voz unânime dos que visitam nossa terra a constatação do abandono e da desorganização administrativa em que se encontra: sem matadouro, sem praças limpas, sem saneamento, sem aeroporto, sem qualquer projeto cultural, sem uma política voltada aos jovens desempregados, dentre outras problemas.

Não é possível que uma cidade do porte de Viana continue a abater o gado para consumo diário, de forma clandestina, pondo em risco a saúde da população.

Com a estrada em funcionamento, poderia pensar-se que não precisamos mais de um aeroporto. Ocorre que sempre haverá necessidade de termos um campo de pouso disponível para recebermos autoridades e por motivo de urgência, principalmente em casos de saúde. Por enquanto utilizamos, vergonhosamente, o aeroporto de Matinha.

Neste ano eleitoral, as esperanças voltam a animar os vianenses. E os candidatos, quem são? Que mensagens eles trazem? Que credibilidade têm?

As eleições municipais deste ano conclamam o cidadão à responsabilidade para escolher o melhor candidato, aquele que reúne capacidade suficiente para o exercício da administração pública, nos moldes da ética e do comprometimento com o progresso do seu povo.

O eleitor deve convencer-se que não é correto pagar favor com voto, pois assim perde a legitimidade para reclamar e indignar-se.

A indignação é o ponto máximo que a cidadania atinge. E esse sentimento deve-se exteriorizar pelo voto, que é a arma mais sábia que dispõe o cidadão para contribuir com a melhoria da sua cidade.

ANTIGA PRAÇA DUQUE DE CAXIAS

REPRODUÇÃO / ILUSTRAÇÃO DE J. JÚNIOR

Era esta a primeira visão que o visitante se defrontava ao chegar à cidade pela única via de transporte disponível, aos vianenses, durante mais de dois séculos. Barcos, vapores e, mais tarde, as lanchas faziam seus passageiros desembarcarem no porto do Victor Hugo ou no píer do Teodoro Cidreira, ambos situados nas esquinas que davam acesso à Praça Duque de Caxias.

Ornamentada por palmeiras imperiais, a praça reunia à sua volta um dos conjuntos de imóveis coloniais mais expressivos de Viana, destacando-se entre estes o casarão de azulejos portugueses, demolido no final dos anos 80, que abrigou a sede dos Correios e serviu de palco para muitas festas memoráveis.

Em 1968, quando não havia nenhuma preocupação com a preservação do patrimônio arquitetônico local, o então prefeito Acrísio Mendonça fez construir o Colégio Zilda Dias



na área central da praça, desfigurando assim um dos cartões postais mais bonitos da cidade e um dos logradouros públicos mais significativos da história de Viana.

Hoje, somente através de fotografias antigas ou de pinturas como esta do artista plástico vianense J. Júnior, pode-se recordar a bela e original fisionomia da praça.

Aldir Ferreira e Geraldo Costa na AVL

Aldir Penha Costa Ferreira e Geraldo Pereira Costa, estarão tomando posse na AVL no dia 5 de maio vindouro, durante reunião solene de comemoração dos 10 anos de fundação desta agremiação cultural.

Aldir Ferreira é médico, professor universitário, escritor e autor dos livros *Espelho D'Água* e *Contos do Jaleco Branco*; enquanto o empresário Geraldo Costa, formado em

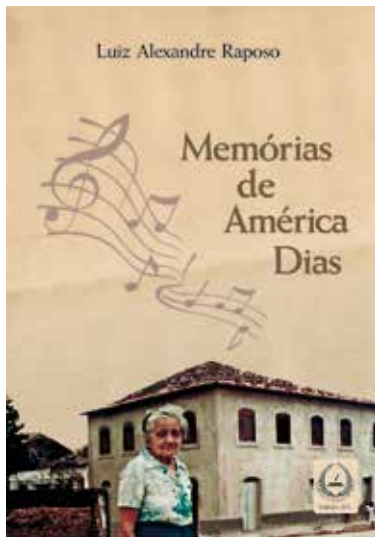
Administração de Negócios pela UEMA, tem desenvolvido um importante trabalho nas áreas cultural e ambiental do município, como presidente do Comitê de Defesa do Patrimônio Histórico e Paisagístico de Viana.

A AVL se orgulha em poder contar, em seu futuro quadro de acadêmicos, com as presenças desses dois baluartes da cultura da terra.

Lançamento de Livros

Em comemoração ao 10º aniversário de fundação da Academia Vianense de Letras serão lançados, em São Luís e Viana, os livros *Memórias de América Dias* de Luiz Alexandre Raposo e *Retrato de um Município* de Ozimo de Carvalho.

O primeiro registra a biografia da violinista, América Dias, que residiu até os 46 anos em Viana, mudando-se depois para São Luís, onde faleceria aos 93 anos. Paralelo à vida da instrumentista, o livro relata costumes, festas e tradições vianenses do passado, além de fatos políticos, esportivos



e religiosos que marcaram a história da cidade até a segunda metade do século passado.

O segundo é a reedição da obra de Ozimo de Carvalho, intitulada *Retrato de um Município*, editada por ocasião do bi-centenário de Viana. Apesar de transcorridos mais de 50 anos desde sua primeira publicação e de tantas transformações sofridas pela cidade nas últimas décadas, o livro contém informações científicas e históricas importantíssimas sobre nosso município que precisam ser colocadas ao alcance dos pesquisadores, professores e estudantes vianenses da atualidade.

Patrocinados pela Secretaria de Estado da Cultura (SECMA), os dois livros serão lançados em São Luís, provavelmente no próximo mês de março, em local e data ainda não definidos. Em Viana, o lançamento realizar-se-á na Casa da Cultura, no dia 4 de maio vindouro, em evento comemorativo aos 10 anos da AVL.



RETORNO TRIUNFAL DOS REIS

Tradição antiga que há muito não se realizava em Viana, mas que aos poucos tenta reconquistar seu espaço no calendário cultural da cidade, o reisado fez a diferença do período pós-natalino, neste início de janeiro de 2012. Depois de apresentar-se no Ginásio de Esportes no dia 6, o grupo viajou para a vizinha cidade de Monção no dia seguinte (sábado), onde se apresentou para uma entusiasmada plateia que aplaudiu o espetáculo do começo ao fim.

Já na noite do domingo (8), houve uma apresentação pública no adro da Catedral de N. S. da Conceição, quando muitos dos presentes puderam assistir pela primeira vez os bailados e recitativos que compõem o auto natalino.

No entanto, a performance mais apoteótica aconteceu na última encenação do ano, re-

alizada na noite da sexta-feira (13), quando o grupo percorreu algumas ruas da cidade em alegre cortejo musical (como era costume no passado), antes de apresentar-se novamente em frente à Catedral. Durante todo o trajeto, fogos de artifício saudavam os reis, enquanto pessoas acorriam às portas e janelas das casas para ver a passagem da realeza.

Uma comitiva, composta pela Secretária Adjunta do Estado da Cultura, Marilide Mendonça, alguns membros da AVL (entre estes Heitor Piedade Júnior) e convidados, veio especialmente de São Luís para prestigiar o reisado vianense. Todos voltaram encantados com o colorido e a harmoniosa coreografia do espetáculo.

Parabéns, portanto, às organizadoras do evento, Maria das Neves e Maria Prego.



Dois momentos da apresentação no adro da catedral

Substituição do telhado da Matriz



FOTOS: LUIZ ALEXANDRE/GERALDO COSTA

Ameaçada de desabamento iminente, a cobertura de Brasil de Viana da Igreja Matriz (atual Catedral de N. S. da Conceição) foi trocada em novembro passado por um novo telhado, desta vez com a utilização de telhas coloniais.

Embora toda a estrutura do templo estivesse igualmente comprometida, segundo avaliação técnica do Departamento do Patrimônio Histórico do Estado (DPH), a obra de substituição do telhado tornou-se emergencial e, portanto, inadiável.

A frente da obra, o bispo da Diocese de Viana, D. Sebastião Duarte, e o pároco local, padre Rosivaldo Moraes. Os 13 milheiros de telhas já haviam sido adquiridos desde 2003, quando a AVL e o Comitê de Defesa do Patrimônio Histórico Vianense empenharam-se na busca de recursos, através de rifas, festas e doações de vianenses radicados em S. Luís e em outros Estados.

Na época foi arrecadado cerca de R\$11.000,00 (onze mil reais) dos quais foram gastos R\$ 4.775,00 com as telhas (compradas na Fábrica Barro Forte de Timon-MA) e mais R\$1.000,00 referente ao frete de duas carretas para o transporte dos 13 milheiros até Viana.

A madeira e demais materiais utilizados, assim como a mão-de-obra, foram custeados por meio de pequenas contribuições dos paroquianos. A atuação do presidente da Associação Comercial local, Washington Serra, foi importante para a conclusão do trabalho.

O projeto de restauração completa da igreja, orçado em R\$527.466,61 (quinhentos e vinte e sete mil e quatrocentos e sessenta e seis reais e sessenta e um centavos), foi concluído por técnicos do DPH no início de 2011, mas até o momento não foram conseguidos os recursos necessários para o início da obra.

Visita ao Rdo Marcelino Campelo

Na manhã de 26 de novembro próximo passado (sábado), o Centro de Ensino Raimundo Marcelino Campelo abriu suas portas para receber uma comitiva da AVL composta pelos acadêmicos Costa Júnior, Graça Cutrim, João Cordeiro, Luiz Alexandre, Marcene Veloso, Socorro Serejo e Vitória Santos.

Recebidos pelo diretor da casa, professor Antônio Costa Serra Filho, os acadêmicos puderam falar aos alunos e professores ali reunidos sobre os objetivos e missão da Academia Vianense de Letras. Tam-

bém presente ao encontro o diretor do CAIC de Viana, professor José Arnoud de Sousa Campelo.

Na ocasião, a AVL presenteou a escola com um quadro de Raimundo Marcelino Campelo, em cuja fotografia pode-se ler uma mensagem do punho do próprio homenageado, dirigida aos professores e estudantes vianenses de sua época.

Ao final da reunião, os visitantes foram brindados com um lanche/coquetel ofertado pela direção da instituição de ensino.

FOTOS: JOSÉ ARNOUD CAMPELO



Os acadêmicos presentes (acima) e o descerramento do quadro pelo presidente da AVL e o diretor da escola



Lourival Serejo lança dois novos livros

O nosso confrade Lourival Serejo acaba de lançar mais um livro de repercussão nacional. Trata-se dos "Comentários ao Código de Ética da Magistratura Nacional", lançado pela Escola Nacional de Formação e Aperfeiçoamento de Magistrados, sediada em Brasília – DF.

Outro livro de Lourival Serejo será lançado às 19h do próximo dia 7 de março, na Academia Maranhense de Letras. Neste lançamento, o autor reuniu cem crônicas de sua autoria, escritas em 20 anos (1991-2011), tratando dos mais diversos assuntos. A obra traz o sugestivo título ENTRE VIANA E VIENA.

Marcone Veloso toma posse na AVL



FOTOS: JOSÉ ARNOUD CAMPELO/WILSON ARAGÃO



Introdução do novo acadêmico no recinto

cidade magia de Dilú Mello.

Após a cerimônia de posse, os convidados foram recepcionados com um jantar regado a boa música no sítio da Sra. Sueli Veloso (irmã do homenageado). Ao lado do compositor Oberdan

Oliveira, mais uma vez Rogério comandou o show que abrilhantou a noite, revivendo os grandes sucessos da Jovem Guarda. A festa prolongou-se até alta madrugada para satisfação e deleite de todos os convidados.



Rogério do Maranhão saudou o novo imortal vianense



Assinatura do termo de posse

Muito bonita a cerimônia de posse do professor e médico veterinário, Marcone de Nazaré Veloso, realizada na noite de 26 de novembro de 2011, na Catedral de Nossa Senhora da Conceição, em Viana.

Prestigiada por amigos, familiares, colegas professores e admiradores do novo imortal vianense, a reunião solene presidida por Luiz Alexandre Raposo contou ainda com as presenças do Secretário de Estado do Desenvolvimento Social, Francisco Gomes, do Deputado Raimundo Cutrim, do Secretário de Relações Institucionais, Rodrigo Comerciário (que representou a governadora), do bispo da Diocese de Viana, D. Sebastião

Lima Duarte, e do prefeito municipal de Matinha, Emanuel Travassos, os quais fizeram parte da mesa de honra.

Marcone recebeu a saudação de boas vindas do acadêmico Rogério do Maranhão e em seu discurso de posse enalteceu a figura de seu patrono, o jornalista e escritor Travassos Furtado. Marcone passa a ocupar a Cadeira nº 14 que pertenceu ao General Oswaldo Pereira Gomes, falecido em novembro de 2009.

Ao final do evento, o público presente foi brindado com um recital do mesmo Rogério do Maranhão, quando o cantor e compositor vianense interpretou cinco músicas de seu repertório, finalizando a apresentação com a célebre Viana-



Marcone Veloso entre seus pares



Na primeira fila, o orgulho da esposa Lourdes e das filhas Thaline, Ludmila e Larissa

Filho caçula do músico e maestro Raimundo do Nascimento Veloso e de Neusa Amaral Veloso, Marcone de Nazaré Veloso nasceu, em Viana, no dia 23/11/1957. Fez os antigos cursos primário e ginásial, respectivamente, no Colégio Zilda Dias Guimarães e Ginásio Bandeirante D. Hamleto de Angelis. Em 1976 mudou-se para São Luís, para cursar o 2º grau no extinto Colégio Ateneu Teixeira Mendes.

Aprovado no vestibular do curso de Medicina Veterinária (UEMA), em janeiro de 1979, formou-se quatro anos depois para logo iniciar uma longa trajetória no magistério, lecionando disciplinas como Biologia, Botânica, Genética e Zoologia nas principais escolas de São Luís.

Ao mesmo tempo em que dava aulas no Colégio Maristas, Santa Teresa, Dom Bosco, Colégio Batista e curso Anglo Vestibulares, Marcone foi aprovado em concurso público para professor das cadeiras de Parasitologia e Doenças

Parasitárias na própria UEMA, onde lecionaria por quatro anos.

Em 1988, em parceria com o colega Walderney Teixeira, fundou o Colégio Paralelo, quando então teve de renunciar ao magistério na Universidade, já que o novo empreendimento lhe exigia tempo integral. Nesse ínterim, escreveu vários artigos jornalísticos voltados à educação. Foi editor do suplemento "Paravest", publicado pelo jornal O Estado do Maranhão e colaborador do suplemento "500 anos do descobrimento do Brasil", editado pelo O Imparcial. Em trabalho conjunto do Colégio Paralelo e Sistema Mirante de Comunicação também editou o suplemento "Na mira do ENEM".

No campo político, engajou-se na luta pela organização dos trabalhadores rurais do município, elegendo-se vice-prefeito de Viana na primeira gestão do prefeito Messias Costa (1996/2000). Casado com Maria de Lourdes Costa Veloso, o professor Marcone Veloso é pai de três filhas: Thaline, Ludmila e Larissa.



Piscicultura muda panorama socioeconômico da Baixada Ocidental

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Luiz Alexandre Raposo

Tudo começou em 1991, quando Altevir Mendonça, proprietário da empresa GM Agropecuária, decidiu investir na criação de peixes em cativeiro, empreendimento que naquele tempo já vinha ganhando a adesão de fazendeiros de outras regiões, principalmente no Sudeste do país.

Até então a Fazenda Santo Antônio (antigo engenho que pertencera a Antônio Azevedo), hoje localizada no município de Matinha, dedicava-se somente à criação de gado. Influenciado pelo Engenheiro de Pesca vianense, João Silva (Bibizinho), Altevir acreditou no êxito da iniciativa, baseado principalmente na secular tradição do consumo de peixe pela população da Baixada e na escassez do produto que cada vez se tornava mais raro pela pressão excessiva sobre os recursos naturais.

De início, o processo de implantação e desenvolvimento da piscicultura foi trabalhoso: construção dos tanques-viveiros, canalização e adubação da água, importação de alevinos de outros Estados, dificuldades no fornecimento da ração mais adequada para o crescimento e engorda dos peixes etc. Nesse período de adaptação, outro Engenheiro de Pesca, Ítalo Alves Galvão, foi requisitado para dar um reforço técnico. Igualmente vianense e especialista na área, Ítalo deixou provisoriamente o trabalho na Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF) em Petrolina (PE) para acompanhar a montagem do laboratório de desova e ministrar treinamento técnico aos funcionários da empresa.

Empreendimento de sucesso – Com uma modesta produção inicial de oito a dez toneladas de peixes, hoje a Piscicultura



Tambacus e tambaquis adultos produzidos e comercializados pela Vale do Pindaré

Oitocentas e oitenta toneladas de pescado, produzidas anualmente pela Piscicultura Vale do Pindaré, abastecem não apenas o mercado regional como também as cidades de Açailândia, Imperatriz e até Teresina



Povoamento de açude da região com alevinos produzidos na Fazenda Santo Antônio

Vale do Pindaré produz nada menos que 880 toneladas que abastecem todo o mercado da Baixada Maranhense, como ainda exporta o excedente para outras regiões do Estado e inclusive para a capital piauiense, Teresina. Através dos Supermercados Mateus, 60 toneladas do pescado são comercializado em cidades como Açailândia, Balsas, Imperatriz e Santa Inês.

Ao todo são 32 viveiros (com tamanho médio de 4 hectares) e 48 tanques de alevinos utilizados em todo o processo de produção. Além dos indivíduos adultos destinados à comercialização, a Vale do Pindaré produz em torno de quatro milhões de alevinos/ano, dos quais fornece cerca de dois milhões e meio aos pequenos produtores da região. O restante é transferido para os viveiros de engorda. As principais espécies cultivadas são tambaqui, pacu, curimatá, piau e tambacu (híbrido resultante do cruzamento do tambaqui com o pacu). O surubim e a tilápia têm produção pequena, apenas para consumo local.

Pioneirismo na piscicultura

– Fora a satisfação pelo lucro nos negócios, Altevir se orgulha em ter sido o pioneiro na introdução da piscicultura na região e de poder

Vista aérea dos tanques e viveiros de piscicultura da Vale do Pindaré em Matinha



Retirada dos ovos de tambaqui para fertilização artificial



Altevir Mendonça: pioneirismo maranhense na produção de alevinos

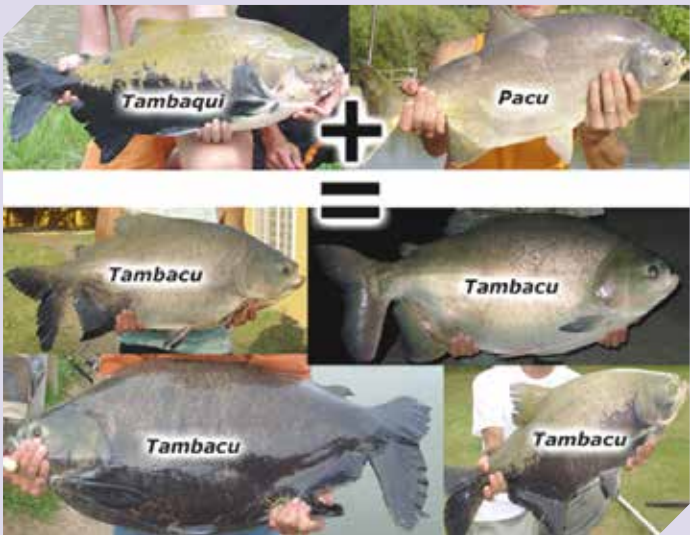
fomentar a produção e o consumo do peixe para uma população tão carente de proteínas de boa qualidade. Segundo ele, o polo de produção de peixes alavancou um fenômeno socioeconômico na Baixada Ocidental: Atualmente a piscicultura é a principal atividade econômica de Matinha e existem centenas de açudes espalhados pelos municípios vizinhos, podendo-se afirmar que 70% de todo o pescado aqui consumido resulta da criação em cativeiro, assegura o empresário.

Não é difícil constatar tal realidade. No começo, quando os alevinos eram importados de outros Estados, os custos da produção tornavam a piscicultura quase impraticável para os pequenos produtores da Baixada. Nos dias atuais, a situação mudou para melhor: graças à GM Agropecuária e a Vale do Pindaré, o milheiro de alevinos é vendido por apenas setenta reais, preço acessível a qualquer pequeno produtor. Daí a popularidade e a expansão da piscicultura em Matinha, Viana, Olinda Nova, São Vicente Férrer e demais municípios.

Considerando-se o gradativo declínio da piscosidade dos lagos da região (devido a fatores diversos como pesca predatória, poluição de suas águas, criação extensiva de búfalos, plantio desordenado de arroz etc.), é salutar que a piscicultura ganhe espaço como alternativa viável, economicamente, e possa permitir assim que o peixe continue presente na alimentação do povo da Baixada Maranhense.



TAMBACU



O tambacu é o híbrido mais comumente usado pelos produtores. Resulta do cruzamento induzido entre fêmea de Tambaqui (*colossoma macropomum*) e macho de Pacu (*piaractus mesopotamicus*). Ou seja, usam-se ovos de tambaqui e sêmen de pacu para a fecundação desta nova espécie. Atualmente muito conhecido e apreciado por frequentadores de pesque-pagues, o tambacu foi criado para combinar o maior crescimento do tambaqui e a resistência ao frio do pacu.

Suas características gerais como formato, porte e cor acinzentada são mais próximas às do tambaqui (fêmea) que lhe deu origem. Podem chegar a 30 kg e medir 80 cm de comprimento. O sistema mais utilizado para o cultivo desta espécie é o viveiro escavado, mas também podem ser cultivados em tanques-rede.

Em viveiros, obtém-se um bom resultado na densidade de um peixe por metro quadrado. Na criação intensiva consorcia-se com outras espécies, por se tratar de um peixe de hábitos alimentares idênticos aos dos seus ancestrais, adaptando-se facilmente a uma ração balanceada.

Em algumas pisciculturas brasileiras já têm sido comprovados cruzamentos deste híbrido com as espécies que lhe originaram (tambaquís e pacus).

ASSINATURA ANUAL DO RENASCER

Depois envie uma mensagem para luiz.raposo@uol.com.br comunicando a data do depósito, o nome e o endereço completos do depositante (sem esquecer o Cep). Dessa maneira, seu exemplar será enviado, trimestralmente, via correio. Aos já assinantes que desejem renovar a assinatura, o processo é o mesmo. Não esqueça, porém, de passar a mensagem comunicando a data do depósito. No ato da renovação, não é necessário comunicar o endereço do depositante (a não ser que tenha havido alguma mudança).

Para se tornar assinante deste periódico, basta depositar o valor de R\$ 40,00 (quarenta reais) na conta corrente da AVL, no Banco do Brasil.

Nº da conta: 13.365 – 5
Nº da agência: 2972 – 6

O RENASCER VIANENSE



Diretor/Redator: Luiz Alexandre Raposo
(Reg. 0000821-MA)
e-mail: luiz.raposo@uol.com.br
Endereço: Rua Antônio Lopes, 459,
Viana – MA CEP: 65.215-000

TRILOGIA DO ROMANCE VIANENSE

2ª parte

O OUTRO CAMINHO

Romance premiado pela Academia Brasileira de Letras

João Mendonça Cordeiro

Ao lançar seu primeiro romance em 1952, o então jovem médico maranhense, João Mohana, despertou de imediato o interesse dos leitores de todo o país e a atenção da crítica especializada. De Norte a Sul, os elogios do grande público e de escritores já consagrados eram veementes ao novo romancista que surgia no cenário nacional da literatura. Tanto é, que o livro foi premiado como o melhor romance daquele ano pela Academia Brasileira de Letras.

Passadas seis décadas de seu lançamento e após sucessivas reedições, “O Outro Caminho” continua conquistando leitores, tornando-se assim uma referência entre a seleta galeria dos livros mais lidos no Brasil. Atualmente, depois de virar tema de teses e dissertações universitárias, a obra passou a ser utilizada como ferramenta didática por professores dos cursos de Letras de várias Universidades brasileiras.

Fora do país, “O Outro Caminho” também trilhou por uma trajetória de destaque: foi traduzido para o italiano e o alemão. Na Itália, este romance do padre João Mohana foi escolhido para representar o Brasil na Coleção Internacional *Gli Operai Della Vigna*, acervo que reúne obras de quase todos os países do planeta.

Tendo a cidade de Viana como

palco principal para a narrativa da *via crucis* do personagem central, o padre Eyder Carvalho, o enredo do romance dividiu-se em dezesseis partes: quinze capítulos antecidos por um pequeno prólogo, onde o autor fictício, “Neco”, informa que a obra registra a vida de seu irmão Eyder, o qual deixou sua biografia escrita à lápis em duzentas folhas de papel. Desse modo, Neco precisou apenas dividir o documento autobiográfico em capítulos e inserir algumas explicações para melhor compreensão dos leitores.

O personagem Eyder Carvalho é um menino criado no povoado do Barro Vermelho (atual Cajari), às margens do rio Maracu, no final do século 19. Gozando das delícias de uma infância cercada pela natureza quase intocável daqueles idos, desde cedo o garoto é catequizado pela mãe para ingressar no seminário e tornar-se padre, mesmo sem possuir a imprescindível vocação sacerdotal.

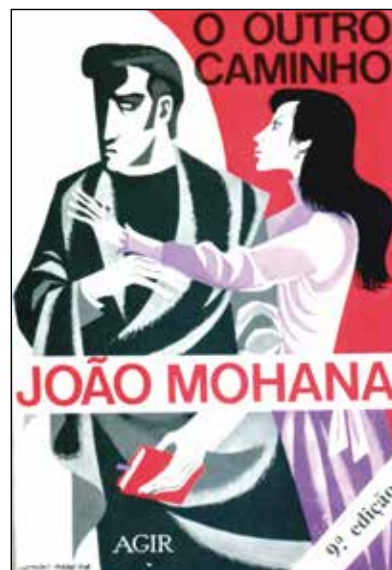
Já no seminário começa o drama pessoal do jovem que, encurralado num beco sem saída, mergulha fundo num conflito psicológico, cujas consequências drásticas marcarão e definirão todo o seu destino. Depois de ordenado, o novo padre é designado para a paróquia de Viana, cenário onde se desenrola a maior parte da trama.

Aqui chegando, depara-se com a realidade característica de uma cidade do interior maranhense do início do

século 20: população pequena, pacata e religiosa, mas eivada de preconceitos e tabus típicos da época. Em pouco tempo, o inexperiente sacerdote é assediado e seduzido por uma jovem e insinuante vianense, conhecida como “Viúva”. Não demorou para que o fato chegasse ao conhecimento de todos, provocando o repúdio geral da comunidade e a perseguição explícita do chefe político local.

O que vem a seguir são páginas carregadas de denso e angustiante sofrimento que prendem e envolvem o leitor, como a cena da noite em que o padre Eyder se dirige à beira do lago para refletir, no auge de sua crise existencial. Ali, contemplando a lua e as estrelas, solitário e cercado pelo silêncio, ele chora num transbordamento de sua dor. Lembra-se da Viúva e, pedindo também por ela, oferece a Deus todos os seus sofrimentos, movido pela fé na igreja e na comunhão dos santos.

O desfecho do livro é arrebatador e faz o leitor prender a respiração: doente em seu leito na Casa Paroquial (atual Centro de Treinamento) e sentindo a aproximação da morte, alta madrugada, o sofrido padre consegue reunir as últimas forças para levantar-se e tropegamente atravessar a praça. Depois de abrir com dificuldade a porta da Igreja Matriz e alcançar o tabernáculo, retira as hóstias da última missa e comunga, para então tombar morto aos pés do altar.



Um detalhe do romance, digno de registro, são as coincidências entre o cidadão real padre Eider Furtado da Silva (falecido em 2009) e o personagem fictício padre Eyder de Carvalho. Dizem que tantas coincidências como o mesmo nome e o mesmo local de origem (Barro Vermelho) teriam motivado o padre Jocy Rodrigues a conversar com João Mohana, tentando convencê-lo a trocar o nome de seu personagem.

É que padre Jocy tinha preocupações que tais coincidências, no futuro, pudessem gerar possíveis mal-entendidos ao então recém-ordenado padre Eider Furtado da Silva. Segundo consta, o escritor teria sido categórico: *Impossível, meu personagem já “nasceu” Eyder. Definitivamente não posso mudar o seu nome.*

Dom José Delgado: a fundação da Faculdade de Ciências Médicas e a Diocese de Viana

Lourival Serejo

Conheci dom José Delgado em suas frequentes viagens que fazia a Viana, por ocasião das comemorações religiosas. Lembro-me de seu porte alto, bem alvo, espargindo seu carisma para todos à sua volta.

Em seu livro de memórias (*Memórias da graça divina*. São Paulo: Loyola, 1978), o carismático arcebispo dedicou algumas páginas aos seus amigos e sacerdotes de Viana, em especial ao padre Eider e ao padre Cordeiro. Havia uma simpatia acentuada entre ele e a Cidade dos Lagos.

Sempre que se fala em dom José Delgado, vem à lembrança a fundação da Faculdade de Ciências Médicas do Maranhão, em 1957, cujo empreendimento devemos todos a esse visionário da educação em nosso Estado, como praxis de libertação do povo de Deus, que ele tão bem sabia representar. Antes da Teologia da Libertação, ele já trazia o ímpeto da evangelização norteada para a promoção do homem em sua integralidade.

Nesse ponto, vale transcrever aqui trecho do artigo de João Mohana, *Pelo Maranhão passou um homem preocupado com o maranhense inteiro*, constante do referido livro de memórias, no qual revela o propósito motivador daquela



DIVULGAÇÃO

iniciativa, digna de ser lembrada pelos atuais profissionais da área médica. Transcreve o padre Mohana declaração do próprio Delgado, nestes termos: *Universidade voltada para os grandes problemas do Estado na década de 50, com mais de 80% de sua população rural. Problemas de saúde, pois o Estado, com 110 municípios, incluindo a capital, possuía médico apenas em onze. A população vivia debaixo da ditadura dos curandeiros, o que importava em*

dificuldade para a evangelização. Problemas de liderança sadia, pois nem havia educadores, nem políticos autênticos. [...] Via a necessidade de uma educação econômica em vista ao desenvolvimento do cooperativismo, chave de todo o meu projeto de assistência promotora do povo na capital e no interior (ob. cit. p. 198).

Para não se perder no tempo e ficar no desconhecimento, pretendo destacar a contribuição da Diocese de Viana à iniciativa daquele arcebispo empreendedor, por ocasião da fundação da Faculdade de Ciências Médicas, embrião da futura Universidade Federal do Maranhão.

A padroeira do município de Viana, Nossa Senhora da Conceição, era “proprietária” de uma fazenda de gado que, em seus tempos gloriosos, chegou a ter entre mil e quinhentas a mil e setecentas cabeças de gado. Quando o primeiro bispo da Diocese chegou, dom Hamleto de Angelis, em 1963, encontrou mil e trezentas cabeças. Esses animais eram produto das promessas pagas pelos fiéis e de doações recebidas com regularidade. Todos os criadores se empenhavam em proteger o gado da Fazenda da Santa. Ladrões não se atreviam a furtar nem uma cabeça. Tudo contribuía, portanto, para a multiplicação do rebanho, que começou com uma vaca doada por uma senhora portuguesa que havia recebido um milagre de Nossa Senhora

da Conceição.

Para instalação da faculdade de Medicina, era necessária a compra de muitos equipamentos e não havia dinheiro suficiente para tanto. Dom José Delgado precisou recorrer a um empréstimo bancário que teve como avalista a paróquia de Viana, com respaldo na Fazenda da Santa e suas cabeças de gado.

Afora essa atitude, segundo me informou o senhor Sebastião Furtado, administrador da citada Fazenda, à época, dom José Delgado ainda determinou a venda de mais de duzentas cabeças de gado, dando preferência aos machos, para evitar prejuízo na reprodução, declarando que o resultado daquela venda seria revertido em benefício da faculdade ora instalada.

Por essa ajuda, os católicos vianenses que contribuíram para a criação daquela fazenda peculiar, que tinha uma santa como “fazendeira”, sentem-se compensados pela grandiosa utilidade que a Faculdade de Ciências Médicas representou para socorrer os doentes do Maranhão, que só tinham palmeiras e sabiás para ouvi-los.

Na gestão do magnífico reitor Natalino Salgado, marcada por vários projetos e reengenharia daquele Campus, é pertinente trazer à tona esses fatos e o exemplo da figura do arcebispo metropolitano dom José de Medeiros Delgado como fonte de inspiração.



Aldenir de Jesus Lindoso Piedade, esposa do nosso conterrâneo (e assinante do Renascer), Zezinho Piedade, faleceu em São Luís no dia 30 de dezembro de 2011, vítima de falência múltipla dos órgãos. D. Aldenir sofria de diabetes e com o tempo seu estado de saúde se agravou.

Casados há 54 anos, Zezinho e Aldenir (foto) tornaram-se pais de seis filhos: Socorro, Tadeu (falecido), Josenir, Ricardo, Heitor e Liana.

D. Aldenir era professora aposentada, tendo lecionado durante muitos anos no extinto Colégio Monsenhor Frederico Chaves, no bairro do São Francisco (local hoje ocupado pelo hotel Abeyville). Estimada não apenas pela família, mas por todos aqueles que a conheceram, Aldenir Piedade deixa também cinco netos.

Segredos do Maracu desvendados

Jovem cientista vianense publica estudo sobre o rosário de lagos do Maracu



Observação dos condicionamentos erosivos nos campos inundáveis de Viana

Luiz Alexandre Raposo

Seu pai era Daniel Franco, conhecido cantor-seresteiro dos tempos em que o romantismo e a boemia embalavam os jovens corações da cidade. Ele, embora goste de curtir uma roda de samba em raros momentos de lazer, preferiu dedicar-se inteiramente ao caminho mais seguro do conhecimento acadêmico.

José Raimundo Campelo Franco, o caçula dos cinco filhos de Daniel Eduardo Franco e Maria da Conceição Campelo Franco nasceu em Viana, no dia 21 de novembro de 1972. Apelidado de “Deda” desde a infância, cedo foi alfabetizado pela madrinha e professora Didi Magalhães, antes de ingressar no extinto Grupo Escolar São Sebastião, onde iniciou o antigo curso primário. Depois de passar pelo Centro Educacional Raimundo Marcelino Campelo, o jovem decidiu-se pelo Magistério, cursado parte na Escola Normal e parte no Antônio Lopes.

Em 1994 chegou a São Luís para continuação dos estudos, graduando-se cinco anos depois em Geografia Licenciatura pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e especializando-se, após, em *Ensino da Geografia e a Questão Ambien-*

tal. Em 2008, José Raimundo Franco concluiu o mestrado em *Sustentabilidade de Ecossistemas* pela mesma UFMA, onde exerce atualmente o cargo concursado de Professor Assistente de Geografia, no Campus de Pinheiro. Como extensão das atividades docentes, o jovem professor desenvolve e coordena pesquisas relacionadas aos recursos hídricos, cultura e memória da Baixada Maranhense.

Em sua dissertação de mestrado, Franco apresentou um consistente estudo sobre as funções fisiológicas do lago de Viana e toda a malha de corpos hídricos que compõem o sistema lacustre vianense, utilizando-se para tanto dos modernos conceitos da geografia e de ferramentas hoje disponibilizadas pelo avanço da ciência como, por exemplo, imagens de satélites da região.

Interferências antrópicas como o processo de assoreamento do lago, barramento das águas, poluição urbana, bubalinocultura extensiva nos campos inundáveis e seus reflexos no âmbito social também são abordados no ensaio acadêmico, que deverá ser publicado ainda neste primeiro semestre de 2012.

Dois livros – Originalmente, o texto produzido por Franco intitulava-se *Sistema Lacustre Vianense: ensaios de modelos conceituais para*

os lagos do município de Viana – MA. Depois de submetido, via edital público, à análise da Fapema (Fundação de Amparo a Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão), o trabalho driblou acirrada concorrência e recebeu o sinal verde para publicação com apenas uma ressalva:

devido ao seu alto custo pela grande quantidade de mapas e outras ilustrações coloridas, precisaria ser dividido em duas publicações.

Desse modo, o livro com a primeira parte do trabalho, intitulado *Segredos do rio Maracu*, apresenta um estudo preliminar do rosário do Maracu, traduzindo na linguagem científica da geomorfologia fluvial, toda região do rosário de lagos. O segundo livro (com título provisório de *Veias do rio Maracu*) trata especificamente da hidrografia vianense, onde se inclui a composição das águas, seus processos e interações com outros ecossistemas, vegetação, clima, solo, enfim toda a integração desse conjunto que compõe nossa biosfera local.

A publicação do trabalho de Franco traz o louvável mérito de diminuir, em parte, o grande vazio que pairava sobre um tema de suma importância para estudantes e pesquisadores da área geoambiental da Baixada Maranhense. No âmbito das publicações oficiais, fora o clássico *Uma Região Tropical* de Raimundo Lopes e *Retrato de um Município* de Ozimo de Carvalho, quase nada mais havia que pudesse servir de bibliografia específica sobre esse magnífico e maltratado ecossistema lacustre que a natureza nos brindou.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Capa do primeiro livro



Discussão geopolítica dos lagos na Colônia de Pescadores de Olinda Nova do Maranhão



Franco após a aprovação de sua dissertação de mestrado

As cartas de amor de um velho baú

Pollyanna Gouveia Mendonça Muniz

É impressionante como os hábitos sociais mudam tanto com o tempo. Num mundo de notícias instantâneas, e-mails, mensagens de celular e redes sociais online é difícil crer que homens e mulheres usavam cartas para se comunicar e falar mais amiúde de seus sentimentos. A escrita da carta, a espera angustiada por uma resposta, tudo era vivenciado intensamente num mundo em que tudo era feito à pena e papel. Os historiadores consideram as cartas pessoais como uma preciosa fonte para invadir a intimidade de sujeitos passados, para conhecer seus hábitos cotidianos e suas formas de sentir e pensar. Muito recentemente foram publicadas as cartas de amor trocadas entre o Imperador D. Pedro I e sua amante, Domitila de Castro Canto e Melo, a marquesa de Santos. Por elas é possível apreender muito da personalidade do Imperador, a dificuldade de manter o romance na clandestinidade e, claro, sua relação afetiva e erótica com sua "Titilia", como a chamava carinhosamente.

É muito instigante tentar esmiuçar a intimidade de nossos antepassados. Mais que isso, é realmente revelador quando pensamos que através de escritos antigos podemos conhecer e entender muito da alma de quem já se foi. Tratando-se da nossa Viana, o baú do poeta Juca Gouveia é depositário de cartas que tratam de variados assuntos, inclusive da vida íntima de vários personagens vianenses. Em matérias passadas deste mesmo jornal contei detalhes deste acervo, bem como da biografia do seu proprietário. Hoje o objetivo é tratar das cartas de amor nele contidas e de como o amor cortês vem desaparecendo com o tempo.



O amor nas folhas de papel – As cartas de amor do velho baú estão compreendidas entre os anos de 1902 até 1957. Vários são os remetentes e destinatários, mas optei por manter a identidade deles sob sigilo. Pode-se conjecturar que o poeta e depois o seu filho, meu avô João Gouveia, além de escreverem suas próprias cartas, guardavam os escritos de amigos e parentes.

Em carta datada de 25 de março de 1909, escrita pelo próprio Juca Gouveia a uma mulher secreta, por exemplo, pode-se ler: *Pelo amôr que te tenho e que te consagro; vim por este meio solicitar tua gentileza de dizer-me se podes aceitar o amôr de um ente que veio neste mundo somente para te amar. Serei feliz com teu amor ou infeliz com teu desprezo. Trato-te por tu porque és o ente da minha adoração. Teu admirador.*

Sob pseudônimo, a jovem **M.** respondeu ao seu admirador da seguinte forma em 30 de janeiro de 1937: *Assim como o lyrio da madrugada alvura e entreabre suas pétalas para receber o orvalho da manhã, assim também o meu coração banhado pela luz do teu meigo olhar se abre para receber o teu puro e sincero amôr. Ass. A mesma que te ama.*

A jovem **A.** não pôs data à sua missiva, mas escreveu empolgadamente: *Todo o motivo*

da minha vida hoje está em tuas mãos e está na tua própria existência. Tenho a tua imagem gravada dentro da memória, e os meus olhos de tanto fitarem os teus só sabem refletir a tua lembrança. A tua influencia atuou em minh'alma desde o feliz instante em que pela primeira vez os meus olhos encontraram os teus. Senti um não-sei-quê de agri-doce dando-me coragem para viver.

Um certo **B.** escreveu para uma **Z.** que estava viajando para a capital nos albores do século XX. Primeiro justificou-se dizendo que iria ao "Baile de Chita" sem ela, mas afirmou: *Lembrar-me-ei de ti, pois não tenho te esquecido um só momento. Mais adiante ainda destacou:*

Quando voltares, na primeira



semana contarás tuas aventuras, e da segunda em diante só falaremos de amôr. Tentando explicar seus sentimentos, o que a própria parecia desconfiar, disse: Desejaria ser uma mão, uma mão bem grande para colocar-te dentro, trazer-te agarrada, para que sentisses a vontade ferrea de meu grande amôr.

Desafiando os padrões sociais – Muitas missivas tratam da troca de fotografias como uma maneira de amenizar a saudade,

mas o que chama atenção é que a maioria dessas cartas traziam pedidos de discrição, cautela e, obviamente, pediam a destruição das páginas de amor após a leitura. Isso se devia, sem dúvida, ao caráter clandestino de alguns desses romances e, principalmente, aos valores de uma sociedade tradicional e patriarcal que defendia um modelo de recato às mulheres. Elas, no entanto, não deixaram de expressar seus sentimentos e, inclusive, de enfrentar padrões tão repressores. Algumas chegaram a reclamar da vigilância dos pais e irmãos mais velhos, outras destacaram uma vida de tristeza e solidão dentro das casas. Para nossa sorte, os destinatários dessas belas linhas foram desobedientes e não destruíram as provas de amor que receberam.

A escrita rebuscada, o amor pela boa rima, o apego à poesia, a delicadeza dos sentimentos e, principalmente, o caráter cortês do amor saltam aos olhos de quem lê tais linhas. Hoje falta-nos muito do rigor e bom trato com as palavras. Sobra erotismo aos nossos jovens. Falta sentimento. Muito da poesia se perdeu. Os vianenses de outrora sabiam muito bem como enredar suas pretendentes nas suaves e bem escritas linhas de suas cartas de amor.



PROCURAM-SE POETAS

Atenção, jovens vianenses. Atenção, poetas vianenses

Nossa terra sempre teve tradição em produzir poetas que cantam suas belezas e seus sentimentos pessoais.

Para que essas manifestações poéticas não fiquem desconhecidas, a partir do próximo número deste jornal, pretendemos publicar poesias inéditas dos nossos poetas.

Quem estiver interessado, deve entregar seus poemas na Casa da Cultura, para a secretária Rosineide Pinheiro.

Depois de avaliadas por uma comissão da AVL, as poesias selecionadas serão publicadas neste jornal.

Revele o poeta que existe em você.

Nota: O baú do Juca Gouveia, cujo principal guardião foi o seu filho, João Gouveia, encontrava-se no antigo Solar dos Lopes da Cunha e teve seu conteúdo revelado em matéria de duas páginas do Renascer Vianense nº 22 (edição de novembro de 2008).